

Quando o presidente está carrancudo, é grave a crise

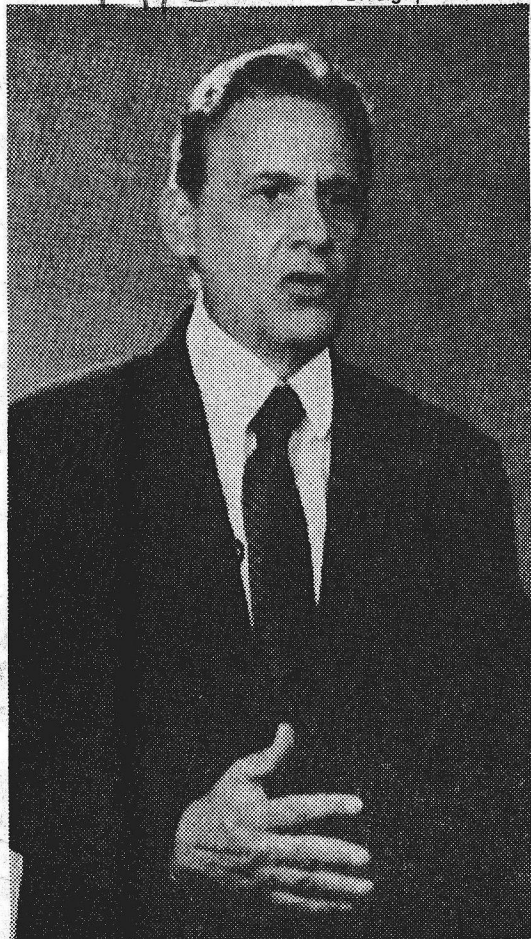
■ Cardoso não dá soco na mesa, mas seu rosto não esconde a tensão

ILIMAR FRANCO

BRASÍLIA — Os funcionários do gabinete da Presidência da República nem precisam ler os jornais para saber se há alguma crise política ou problema econômico no país. O rosto do presidente Fernando Henrique Cardoso, ao chegar ao Palácio do Planalto todas as manhãs, denuncia quando alguma coisa está errada.

O presidente que chegou ao Palácio na manhã de 15 de agosto, quatro dias depois de o Banco Central intervir no Banco Econômico e iniciar-se a polêmica com o senador Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA), tinha a expressão carregada e séria. Os olhos eram de quem tinha dormido pouco, o sorriso não teve brilho, o presidente estava reservado e não fez suas habituais brincadeiras.

Seus gestos, sua voz e sua desenvoltura quase não demonstram tensão. É nos pequenos detalhes que se verifica que Cardoso está incomodado. Com o rosto sério e sem o bom humor costumeiro, o presidente dá a impressão de que está com



Cardoso preocupado: o riso desaparece

Divulgação — 7/2/95

JORNAL DO BRASIL
27 AGO 1995
todos os músculos do corpo retesados. Concentrado no problema que o aflige, o presidente, sem perceber, começa a mascar a língua e, em algumas audiências, dá sinais de impaciência. “Ele fica tamborilando os dedos”, relatou o líder do PSDB, deputado José Anibal (SP).

Nos momentos de crise aguda não se deve esperar de Cardoso nenhum faniquito. Sua atitude é a mais racional possível. Na quarta-feira, dia 16, mesmo sentindo-se injustiçado com o noticiário de que o governo colocaria dinheiro para salvar o Banco Econômico, o presidente tentou racionalizar a situação na reunião com os líderes governistas. “Ele nos disse que como sociólogo entendia que o poder é um figura mítica e que a mídia tende a valorizar os momentos em que esse poder está em cheque”, contou o líder do governo no Senado, Elcio Álvares (PFL-ES).

Sua preocupação às vezes transborda, como aconteceu nesse mesmo dia. O presidente chegou ao Planalto e reagiu a uma fotografia, publicada em todos os jornais, em que ele aparece com a meia furada. “O que vocês estão fazendo aqui? Não tem meia furada para fotografar e nem cueca suja. Se tiver cueca suja, não é minha”, disse aos fotógrafos, demons-

trando sua irritação pela forma com que o governo vinha sendo tratado. Foi uma tentativa mal sucedida, quase beirando a inconveniência, de demonstrar um bom humor inexistente.

Enfado — A serenidade, postura padrão do presidente, voltou ao meio-dia, quando o líder do PMDB no Senado, Jader Barbalho (PA), afirmou perante os demais líderes que o presidente tinha errado e que sua autoridade estava arranhada. O presidente não deu soco na mesa nem se lamuriou, aguardou sua hora de falar e contestou calmamente o peemedebista. No final do dia, assistindo ao noticiário da televisão em seu gabinete, em que a versão do governo para os fatos ficou clara, Cardoso comentou resignado e com certo enfado: “Esse era o noticiário de ontem”.

“A grande vantagem do Fernando Henrique é que ele não vê o cargo como um peso e procura sempre filtrar as dificuldades colocando-as em sua verdadeira dimensão”, comentou o líder do governo no Congresso, deputado Germano Rigotto (PMDB-RS). “Ele não esquenta a cabeça”, exagera o ministro da Justiça, Nelson Jobim, que acompanhou de perto toda a crise do Econômico.

Apesar do quase sangue frio, o presidente às vezes reclama da incompreensão. Nessas horas, ele costuma abrir os braços e pelo menos uma vez deu um teatral soco na mesa. Aconteceu há um mês numa reunião com aliados no gabinete presidencial. “Fulano está chateado, sicrano está melindrado”, arrastava-se seu interlocutor, quando o presidente reagiu: “Eu? Ninguém quer saber se estou chateado, se estou gostando”, protestou e deu um soco na mesa, encerrando o assunto.

Mas quando os momentos de maior tensão começam a se dissipar e as soluções aparecem no horizonte, Cardoso retoma o bom humor. Foi o que aconteceu na segunda-feira, dia 21, quando, na entrevista coletiva, ele brincou: “Por sorte eu não tenho nenhum tostão no Econômico”.

Dois dias depois, ao receber uma comissão de prefeitos para tratar da reforma tributária, ele voltou a brincar com o Econômico. “Como é? Tudo bem? Você tinha dinheiro no Econômico?”, perguntou à prefeita de Salvador, Lídice da Mata. “Ele tem um diabinho que não se deixa enquadrar inteiramente na liturgia da presidência”, traduziu um de seus devotos assessores.